

A ETOLOGIA DO SANTO CONDESTÁVEL

Mais doce do que o mel e mais forte do que o leão

MONS. JOSÉ FILIPE MENDEIROS

É conhecido o enigma proposto por Sansão aos trinta filisteus convidados para a sua boda, em troca de trinta lençóis e outras tantas túnicas para quem o decifrasse no prazo de uma semana.

Narra de feito a Sagrada Escritura¹ que o valente israelita propusera a seguinte adivinha aos seus convivas: *saíu a comida do que come e a doçura do forte*. Como ao cabo de três dias não fossem capazes de adivinhar, os intrigados filisteus tanto insistiram com a noiva de Sansão que este desvendou-lhe o segredo, que ela imediatamente lhes comunicou: *o que há de mais doce do que o mel e de mais forte do que o leão?* Fora o caso de ter Sansão morto um leão, em cujo cadáver dias depois vira anichar-se um enxame de abelhas e produzir-se um favo de mel.

Encerradas as cerimónias comemorativas do VI Centenário do Nascimento de D. Nuno Álvares Pereira e ocorrendo no próximo dia 23 de Janeiro o 450 aniversário da sua beatificação por S. S. Bento XV, vem a ponto relevar a etologia do *Santo Condestável*, como lhe chamou o seu grande amigo El-Rei D. Duarte² ou *Conde Santo*³, talqualmente o apelidou, trinta e nove anos após a sua ditosa morte, o *Livro III dos Anniversarios* da Sé de Évora⁴.

CARÁCTER E TEMPERAMENTO

Se o carácter, como o étimo exprime - da palavra grega *character*, que significa *senal gravado*, - é a marca indelêvelmente gravada e inconfundível, que revela a *idiosincrasia*, isto é, o conjunto de qualidades psico-fisiológicas de cada pessoa, temos sòmente o carácter *psicológico*, que a ninguém falece, senão quando a vida falecer.

Já o mesmo não acontece com o carácter *moral*, infelizmente apanágio só de alguns. É o carácter moral aquela energia surda e constante da vontade, aquela qualquer coisa

¹ *Juizes*, XIV, 10-20.

² *Leal Conselheiro*, cap. XX, Lisboa 1843, pág. 65.

³ D. Nuno Álvares Pereira era conde de Barcelos, Ourém e Arraiolos.

⁴ Arquivo capitular da Sé de Évora, CEC 4 XVII. Foi mandado fazer este livro por Martim Vasques, chantre da mesma Sé, antigo criado de Nuno Álvares e capelão de seu neto D. Fernando, segunde duque de Bragança. Note-se a importância deste testemunho de um antigo servidor do ínclito Condestável, com o qual tão de perto conviveu, para o culto do Conde Santo, por quem aliás se faziam aniversários, por legados do dito chantre, nos meses e dias seguintes: Janeiro: 2, 10, 11, 13 e 31; Fevereiro: 4, 9, 12, 16, 21 e 24; Março: 2, 3, 6, 21 e 30; Abril: 2, 8, 12; Maio: 7, 20 e 24; Junho: 6, 9, 10 e 29; Julho: 4 e 8; Agosto: 9 e 28; Setembro: 7 e 21; Outubro: 7 e 14; Novembro: 5 e 26; Dezembro: 12 e 13. - Além destes trinta e oito aniversários constam do referido livro mais dois - 6 de Junho e 15 de Novembro - por D. Nuno, graças ao legado de um outro seu criado, Afonso Gonçalves, cónego e arcediogo da mesma Catedral, e figura um terceiro criado do Condestável, Pedro Anes, que foi também cónego da Sé de Évora e por quem se fazia aniversário a 16 de Setembro.

de inabalável na fidelidade a si próprio, às suas convicções, às suas amizades e às suas virtudes. É um estado permanente de esforço, de tensão, de firmeza, de perseverança, de fortaleza, numa palavra, é a quinta essência e a coroa da vontade.

Nem todos os homens porém atingem esta maturidade do carácter moral, o qual começa de revelar-se embrionariamente nas teimosias e birras da primeira infância, acentua-se na segunda infância, forma-se na adolescência e amadurece na virilidade. Muitas pessoas, à míngua deste carácter, não passam de canas agitadas pelo vento, folhas caducas de outono errando ao sopro da mais ligeira brisa, capachos nojentos de bajulação videirinha.

Tanto o carácter psicológico como o carácter moral assentam porém na raiz fisiológica do temperamento, que os condiciona. Não há dúvida de que o temperamento, influenciando os fenómenos psico-fisiológicos, dá a cada um de nós uma certa forma de agir e de reagir. Ora o temperamento é um fundo de tendências, uma nota dominante na orquestração da vida humana, que exprime a maneira de ser geral do organismo, o seu modo de funcionar, o tom, o valor e a direcção da sua actividade. A ele se refere o conhecido adágio popular: *o que o berço dá, a tumba o leva*.

Cada um de nós recebe de seus pais e, por meio deles, de seus antepassados, uma herança biológica, cujos genes e cromossomas tão minúsculos que todos juntos - os da Humanidade inteira - cabem à vontade num dedal de costura, representam o lastro da constituição temperamental traduzida em tendências ou inclinações inatas.

A educação destas tendências originais, mercê da experiência, forma os hábitos, como uma segunda natureza. A personalidade, expressa no «eu» e representada pelo carácter, traduz-se no procedimento ou comportamento.

É por isso de capital importância para a educação a *etologia* ou estudo dos caracteres, a fim de se conhecer qual o temperamento básico com que nascemos e somos constituídos.

No século II o médico grego Galeno ensinou a clássica divisão dos temperamentos em *sanguíneo, nervoso, bilioso e fleugmático*. Esta classificação porém tem hoje mero valor histórico, ultrapassada como está pelas recentíssimas de Wundt, Ribot, Kretschmer, Malapert, Fouillée, Heymans e Wierma.

Wundt classifica os temperamentos em função da força e da duração das reacções emotivas: *melancólicos, fleumáticos, coléricos e sanguíneos*.

Ribot ordena os temperamentos segundo o género, a espécie e a variedade: *sensitivos*, compreendendo as espécies de *humildes, contemplativos e emocionais; activos médios e grandes activos; apáticos puros e apáticos inteligentes*; e as variedade de *sensitivos activos e apáticos activos*.

A classificação de Malapert abrange temperamentos *apáticos, sensitivos, emotivos e apaixonados*, com variedades múltiplas, tipos amorfos e tipos mistos.

Fouillée classifica-os em sensitivos *intelectuais* (introvertidos) e *volitivos* (extrovertidos).

Heymans e Wierma baseiam a classificação na *emotividade* e na *actividade*, acrescentando-lhe um terceiro elemento: a *secundaridade*, ou seja, a perduração maior ou menor de uma representação ou de uma sensação anterior, que faz dividir os tipos

psicológicos em *primários e secundários*, conforme são menos ou mais perduráveis a emotividade e a actividade. Os secundários são constantes nos seus afectos e nos seus projectos, fiéis aos seus princípios e perseverantes nos seus propósitos. Partindo deste tríptico factor obtém-se assim a seguinte classificação: *apaixonados, coléricos, sentimentais, nervosos, fleugmáticos, sanguíneos, apáticos e amorfos*.

Considerada como a mais completa apresentada até hoje em Psicologia, porque reagrupa e aperfeiçoa todos os elementos das outras classificações, segundo a tipologia de Heymans e Wierma, D. Nuno Álvares Pereira pertence ao tipo dos *apaixonados*, constituído pelo grupo EAS (emotividade, actividade e secundaridade).

Dotados de grande personalidade, os apaixonados concentram toda a sua actividade na obra a realizar. São hábeis no comando, verdadeiros chefes-natos e tomam a sério a Religião, a Pátria e a Família, chegando por vezes aos cumes da santidade. É o tipo a que pertenceram, entre muitos grandes homens, Alexandre Magno, Aníbal, S. Paulo, S. Francisco de Assis, Santo Inácio de Loiola, S. Francisco Xavier, Pascal, Napoleão Bonaparte e Pasteur, e, entre as mulheres, Santa Joana de Arc e Santa Teresa de Jesus.

Relanceemos agora o olhar para alguns antecedentes familiares e determinados factos da sua vida antes da entrada para o convento, que nos ajudarão a determinar o tipo constitucional do Santo Condestável.

SEMENTES DE VIOLÊNCIA E DE LAMA NA ASCENDÊNCIA DE NUNO ÁLVARES

Filho de D. frei Álvaro Gonçalves Pereira, prior da Ordem Militar do Hospital ou do Crato, e de D. Iria Gonçalves do Carvalhal, dama da corte de El-Rei D. Fernando e cuvilheira da Infanta D. Beatriz, o Santo Condestável recebeu constitucionalmente da sua ascendência sementes de violência e de impureza, que a sua mansidão heróica e castidade impoluta souberam providencialmente reparar.

Nasceu D. Álvaro Gonçalves Pereira em Salamanca, filho de D. Gonçalo Pereira, que estudava naquela célebre Universidade, antes de ser clérigo, e da salamanquenha D. Teresa Perez Vilariño.

D. Gonçalo Pereira tinha o temperamento colérico, arrebatado e violento do seu sangue transmontano, cruzado de leonês, duro e enérgico como os penhascos de Trás-os-Montes. Herdara esse temperamento, ardente em ebulição, de seu pai, Rodrigo Gonçalves Pereira, o qual matou em duelo o primo, Pedro Poiares, e justicilmente queimou no castelo de Lanhoso a própria mulher, Inês Sanches, surpreendida em adultério com o amante, com toda a gente e animais que lá viviam, para que consumisse completamente o pecado e as circunstâncias.

O próprio D. Gonçalo era de tão maus fígados que, sendo deão da Sé do Porto, expulsou o bispo D. frei Estêvão, franciscano, e foi propositadamente com um cónego a Avinhão, onde então residia o Papa, pedir a deposição do Prelado. O Bispo conseguiu do Papa João XXII a transferência para Lisboa, mas D. Gonçalo não descansou - enquanto não fez com que D. Estêvão fosse transferido para fora do Reino, sendo nomeado bispo de Cuenca, em Castela! D. Gonçalo foi também bispo de Leão, em Castela, e finalmente arcebispo de Braga, à sombra vetusta de cuja Sé capela jaz, na

capela de Nossa Senhora de Glória.

D. Álvaro, ainda tamanino, foi entregue aos cuidados de seu tio-avô, Estêvão Vasques Pimentel, irmão da mãe do Arcebispo, e prior do Crato, sucedendo-lhe no priorado na verdura juvenil dos 18 anos de idade.

Tendo governado muitos anos a Ordem do Hospital até à morte em avançada idade, foi notável a actividade de D. Álvaro como construtor de castelos e de igrejas⁵, sendo a última destas a de Flor da Rosa, perto do Crato, que escolheu para derradeira jazida.

«Sábio e valente, o prior era celebrado pela magnanimidade do seu coração, pela largueza do seu espírito, pela generosidade da sua alma» - reconhece Oliveira Martins⁶. Valido de três monarcas - D. Afonso IV, que acompanhou à batalha do Salado, com o Santo Lenho do mosteiro hospitalar da Vera Cruz de Marmelar, a cuja presença benéfica e milagrosa protecção ficámos devendo a magnífica vitória⁷, D. Pedro e sobretudo D. Fernando - foi contudo um fraco de coração, um perdido por mulheres, que lhe deram trinta e dois filhos, apesar de ligado por votos religiosos. Constitucionalmente era também um *apaixonado*, caracterizado por EAP (emotividade, actividade e primaridade). Menos colérico que seu pai, mas mais emotivo, cordial, generoso, activo e inconstante na fidelidade aos seus compromissos religiosos, herança quiçá recebida do temperamento salamanquenho da mãe.

A mãe de Nuno Álvares, D. Iria Gonçalves do Carvalhal, filha do alcaide-mor de Almada, Pedro Gonçalves do Carvalhal, ou, segundo outros, de Álvaro Gil do Carvalhal, senhor de Évora-Monte⁸, era natural de Elvas⁹. De D. Álvaro Gonçalves Pereira houve nove filhos e uma filha¹⁰. No entanto o cronista chama-lhe «boa e nobre mulher», porque depois de haver seus filhos «viveu em grande caridade e abstinência, não comendo carne, nem bebendo vinho por espaço de quarenta anos e fazendo esmolas e mui boas obras»¹¹.

Constitucionalmente D. Iria era também, como D. Álvaro, um temperamento *apaixonado*, mas *secundário*, caracterizado por EAS (emotividade, actividade e secundaridade). Apaixonada por D. Álvaro; apaixonada maternalmente por Nuno Álvares, a quem acompanhou muitos anos como fronteiro-mor do Alentejo, mormente na grave doença de hipocondria que o acometeu e de que falarei mais adiante; apaixonada enfim pela ascese perseverante com que lavou a nódoa dos seus amores sacrílegos.

Quando D. Nuno aderiu ao partido do Mestre de Avis e seu irmão Pedro Álvares, que sucedera ao pai, como mais velho, no mestrado da Ordem do Hospital, chegou a Por-

⁵ Construiu os castelos da Amieira e da Flor da Rosa, os paços de Bonjardim e as igrejas de Santa Maria do Crato e da Flor da Rosa com seu mosteiro.

⁶ Joaquim Pedro de Oliveira Martins, *A vida de Nun'Álvares*, Lisboa 1944, 6ª edição, pág. 11.

⁷ Cf. Cónego José Mendeiros, *O Santo Lenho da Sé de Évora*, in *Cidade de Évora*, Boletim da Comissão de Municipal de Turismo, X (1953), págs. 264-269.

⁸ Cf. Oliveira Martins, *o. c.*, pág. 21.

⁹ Assim o diz expressamente Fernão Lopes, *Chronica d'El-Rei D. João I*, Biblioteca de Clássicos Portugueses, Lisboa, 1897, cap. XXXIII, pág. 102. Cf. Oliveira Martins, *o. c.*, pág. 21.

¹⁰ Foram eles: Fernando Álvares, alcaide-mor de Évora; Lopo Álvares, Gonçalo Pereira, Vasco Pereira, Rui Pereira, Fernão Pereira (morto à traição no castelo de Vila Viçosa), Afonso Pereira, Diogo Álvares, Nuno Álvares e Violante, casada com Martim Gonçalves de Lacerda.

¹¹ *Crónica do Condestável de Portugal por um autor anónimo do século XV*, adaptação de Jaime Cortesão, Lisboa 1957, pág. 17; Fernão Lopes, *o. c.*, acrescenta-lhe ainda: «grandes jejuns».

talegre sem o irmão Nuno, Iria Gonçalves exprobou-lhe o facto, dizendo-lhe que «bem parecia que curava pouco de seu irmão e que nunca bem lhe quisera»¹². Mãe decidida, vai ter com Nuno a Lisboa, a fim de o convencer a voltar para o partido de D. Beatriz. Todavia, apesar da sua vontade de mulher forte e das suas razões políticas, não só não conseguiu demover o filho da inabalável resolução tomada, senão que ele a converteu ao Mestre, e ela levou o filho Fernão a abraçar a mesma causa patriótica¹³.

Iria Gonçalves foi pois a educadora primorosa da infância de Nuno Álvares nos ridentes e recatados paços do Bomjardim, situados no coração de Portugal e da Beira Baixa, iniciando-o na leitura apaixonante das novelas da Cavalaria, mormente as do *Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda na demanda do Santo Graal*, e tornando-o admirador profundo e imitador genial da casta e gentil figura de Galaaz, a ponto do jovem Nuno, adolescente de 16 anos, só muito instado pelo pai, pela mãe a pedido de D. Álvaro, por Álvaro Pereira e Álvaro Gil de Carvalho, respectivamente, primo e genro da mãe, resolver aceitar casamento com a jovem viúva ainda virgem D. Leonor de Alvim. Com efeito conta o cronista¹⁴:

«Mas lia amiúde por livros de histórias, especialmente da história de Galaaz, que fala da Távola Redonda, e porque em elas achara que, por virtude da virgindade, Galaaz acabara grandes e notáveis feitos, que outros acabar não puderam, desejando muito de o semelhar em alguma cousa, e muitas vezes cuidava de si em ser virgem, se Deus quisesse...».

Fernão Lopes fala ainda da surpresa do pai «que se maravilhou muito por ele assim lhes responder, sendo homem novo de dias».

Feitos os 13 anos e entrado o moço Nuno na adolescência, saíu da órbita educadora da mãe para a do tio materno, Martim Gonçalves do Carvalhal, a quem D. Álvaro o confiou em o mandando à corte fernandina, já conspurcada e escandalizada com o adultério de D. Leonor Teles com o Conde Andeiro. Por isso lhe recomendou o Prior do Hospital que tivesse cuidado de Nuno:

«...e então lhe disse o Prior como queria mandar seu filho à corte, e ele por seu aio, para o ensinar; porém lhe rogava que tomasse cargo de o criar, que lhe fazia certo que aquele seu filho havia de haver tão boas andanças que, em todas as batalhas que entrasse, sempre delas sairia vencedor, contanto que se chegasse a Deus em todas as suas obras, e nenhuma cousa fizesse em seu des-serviço»¹⁵.

Quão bem se desempenhou Martim Gonçalves da sua missão prova-o o procedimento irrepreensível de Nuno Álvares na corte dissoluta da *Flor de Altura*, a qual, apesar da sua corrupção, soube apreciar o valor do novel pagem, escolhendo-o para seu escudeiro e armando-o providencialmente com o arnês do Mestre de Avis, o único que servia ao corpo pequeno e franzino do moço escudeiro.

¹² Fernão Lopes, *o. c.*, cap. XL, pág. 117. Pedro Álvares, filho de Maria Domingues Brandão, era natural não ser visto com bons olhos por Iria Gonçalves do Carvalhal, que talvez sonhasse com o Priorado do Crato para o seu Nuno Álvares. O certo é que a fidelidade de Pedro Álvares a D. Beatriz pô-lo frente a frente de Nuno nas batalhas dos Atoleiros e de Aljubarrota, encontrando nesta última a morte inglória.

¹³ Fernão Lopes, *o. c.*, págs. 117-118.

¹⁴ pág. 107.

¹⁵ Fernão Lopes, *o. c.*, pág. 104.

Como se vê, o temperamento de D. Nuno resultou constitucionalmente dos temperamentos apaixonados do pai e da mãe, primário o primeiro e secundário o segundo, educado modelarmente pela mãe e pelo tio materno no sentido da paixão intensa e transbordante por Deus e pela Pátria.

TEMERIDADE E PRUDÊNCIA

Acusa-se por vezes D. Nuno de temeridade, principalmente na luta contra o inimigo, já desde novo.

Aos 21 anos, vendo lograda a luta na fronteira elvense, para onde caminhava na vanguarda do exército, na terceira guerra com Castela, durante o reinado de D. Fernando, desafiou João Ansuers, filho do Mestre de Santiago de Castela, para um recontro de «dez contra dez», o que El-Rei, estando então doente em Évora, lhe proibiu realizar. «Nuno Álvares - frisa Fernão Lopes¹⁶ - quando viu a tenção de El-Rei, desprouve-lhe dele e ficou muito quebrantado; e assim houve fim sua requesta, porque mais não pôde fazer».

Indubitavelmente mais temerário foi o recontro de Santos, em Lisboa, no ano seguinte, durante a mesma guerra, em que investiu sozinho contra mais de 200 castelhanos, que lhe mataram o cavalo, debaixo do qual ficou lutando indefessamente, até que os seus, à voz do padre Vasques Eanes do Couto, em cuja casa pousava, o socorreram, libertando-o de tão perigosa situação e ajudando-o a escorraçar o inimigo para as naus que cercavam Lisboa.

Nesse mesmo mês de Agosto de 1382, em que ocorreu este episódio, desobedeceu ao irmão Pedro Álvares, que lhe proibira ir para a frente da batalha em Elvas, mandando até guardar as portas da cidade, «porque lhe conhecia bem a vontade, que pois o que começava o havia de acabar»¹⁷. Contudo Nuno obrigou os guardas a deixá-lo passar e foi bem recebido em Elvas por D. Fernando, «louvando-o muito perante todos, e muito mais o louvou depois, quando soube o que lhe houvera com seu irmão, e como se partira da cidade sem sua licença e contra sua vontade»¹⁸. Afinal o Monarca, que achara temerário o repto a João Ansuers, por reear perder tão nobre como valoroso e esperançoso cavaleiro, desta vez não só o não repreendeu, senão mesmo o louvou!

É que Nuno Álvares, desde tamanino, sabia prudentemente avaliar as forças das hostes inimigas.

Quando foi a vez primeira para a corte encontravam-se D. Fernando e D. Leonor Teles em Santarém. Não longe rondavam os castelhanos. D. Álvaro, para experimentar os filhos Nuno e Diogo, mandou-os saber quantos e quais eram os inimigos. Regressando de cumprir esta missão, os monarcas chamaram-nos e interrogaram-nos sobre o resultado da exploração. Não obstante Diogo ser mais velho, foi Nuno quem tomou a palavra:

¹⁶ *Chronica d'El-Rei D. Fernando*, Biblioteca de Clássicos Portugueses, Lisboa 1896, III, cap. CXXIII, pág. 27.

¹⁷ Fernão Lopes, *Chronica d'El-Rei D. Fernando*, III, cap. CLI, pág. 113.

¹⁸ Fernão Lopes, *o. c.*, pág. 114.

«... que vira muita gente e mal mandada; e que pouca gente com bom capitão bem depressa os desbarataria»¹⁹.

Foi esta resposta decidida e prudente de uma criança de 13 anos que encantou a Rainha e a levou a escolher Nuno para seu escudeiro, tomando o Rei a Diogo para seu cavaleiro.

Após a morte do Conde Andeiro, quando o conselho do Mestre de Avis estava dividido quanto ao caminho a seguir por este - ir para Inglaterra e dali dirigir a guerra iminente com Castela, como queriam muitos, ou permanecer em Portugal combatendo aqui o invasor - D. Nuno foi sempre deste último parecer²⁰, que os acontecimentos posteriores vieram corroborar ser o mais conveniente, senão o único possível para a salvação da independência nacional.

Os grandes, enormes riscos corridos por Nuno Álvares ao oferecer batalha nos Atoleiros, em Aljubarrota e em Valverde ao inimigo, quantitativa e qualitativamente superior - a cavalaria portuguesa estava por Castela e combatia a bisonha peonagem do Condestável, decidido mesmo a lutar só com ela, no montante de 2.900 «alentejões» contra 30.000 homens bem armados do exército luso-castelhano em Aljubarrota, após o parecer contrário do conselho real em Abrantes - só surpreenderão a quem desconhecer a genial estratégia do Fronteiro-mor do Alentejo, adoptando pela primeira vez em Portugal a tática inglesa do quadrado e da batalha «pé terra» ou de infantaria, talquamente os ingleses haviam feito, pouco tempo antes, em 1346, na batalha de Crécy, da Guerra dos Cem Anos; ou a quem ignorar a magnífica posição estratégica das nossas tropas em Aljubarrota, escolhida providencialmente pela brusca e inesperada reviravolta do inimigo, que decidido primeiro a continuar a marcha de Leiria para Lisboa, resolveu inesperadamente oferecer batalha, caindo no logro das centenas de covas de lobo, cavadas de noite pelos soldados do Santo Condestável e agora descobertas junto da ermida de Santa Maria e de S. Jorge, onde combateu a vanguarda condestabriana. Acima de tudo não devemos esquecer que o Conde Santo seguia à risca a norma paterna, quando foi para a corte, atrás citada: «contanto que se chegasse a Deus em todas as obras». Foi essa confiança inabalável em Deus e em Maria Santíssima, cuja imagem tremulava duas vezes na sua bandeira invicta, a qual lhe servia de oratório no campo de batalha, o segredo e o penhor de todas as suas vitórias.

De resto Nuno Álvares, quando não dispunha de tropas suficientes, recorria a estratégias inteligentes para se apoderar dos castelos, como sucedeu em Monsaraz e Pórtel; ou mantinha uma atitude meramente defensiva, talquamente aconteceu na iminente batalha de Évora, em Junho de 1383, que não chegou a vias de facto porque o inimigo, quiçá lembrado dos Atoleiros, três meses antes, resolveu retirar, com grande satisfação para o nosso Fronteiro-mor, que nessa ocasião não tinha confiança nos seus homens, e, por isso, não atacou... Uma das táticas usadas normalmente pelo Santo Condestável era a de atacar de madrugada o inimigo, por achá-lo então menos prevenido, donde os castelhanos o mimosearam com alcunha de *Nuno Madruga*! A própria invasão de Castela, no mês seguinte à vitória de Aljubarrota, enquanto D. João I saboreava os louros do triunfo, foi um tremendo golpe psicológico no inimigo, desmoralizado pela derrota em Portugal, de tal maneira que D. Nuno passeou impunemente o

¹⁹ *Crónica do Condestável*, pág. 18.

²⁰ Fernão Lopes, *Chronica d'El-Rei D. Fernando*, cap. XLI, pág. 110-121.

seu exército pela Estremadura e Andaluzia durante semanas, para coroar alfim este passeio bélico com a jornada triunfal de Valverde.

A RAPAZIADA DA BODA RÉGIA NO CAIA

Há na vida de Nuno Álvares um episódio, que tem sido apontado como manifestação de turbulência e de má criação pelos seus inimigos: o derrubar de uma das mesas do banquete real das bodas da Infanta D. Beatriz com o rei viúvo D. João de Castela.

D. Nuno tinha então 23 anos e fora convidado com o irmão Fernão para a boda, tendo por isso ambos o seu lugar marcado à mesa. Demos agora a palavra a Fernão Lopes²¹, que nos vai contar o ocorrido na sua linguagem realista e colorida:

«... e quando foi tempo para se sentarem, eles, *com mesura*, não se trigram [apressaram] muito; e a mesa em que eles haviam de ser foi depressa cheia de portugueses e de castelhanos, e eles ficaram por sentar, sem fazerem os outros deles conta, posto que fossem assaz, conhecidos e estivessem corregidos de festa.

Nuno Álvares, vendo a mesa cheia, e que não tinha onde se sentar, disse, já de si quanto *sanhudo*, contra seu irmão:

- Nós não temos honra de estarmos mais aqui, mas parece-me que é bem que nos vamos para as pousadas; pero antes que nos vamos, eu quero fazer que estes, que nos pouco prezaram e riram de nós, que riamos nós deles e fiquem escarnidos.

Então passeando *mui manso*, chegou-se ao cabo da mesa, vendo-o el-rei donde sia sentado, e com os joelhos derribou o pé da mesa e deu com ela em terra. Os que a ela siam ficaram espantados, e ele com seu irmão se partiram da sala *tão socegados* como se não fizessem nenhuma cousa».

Ainda que à primeira vista Nuno parecesse zangado (*sanhudo*, diz o cronista) pelo olvido a que ele e o irmão, por serem delicados, haviam sido votados, algo mais se entrevê nesta rapaziada atrevida e calmamente realizada. Bem o notou Oliveira Martins²² neste atilado comentário:

«Nuno Álvares serenamente²³ saía da tenda, vingado da rainha adúltera, do amante vilão, do castelhano impune; de todos e do mundo inteiro, tão miserável e tão mesquinho. Seguiu-o submissamente seu irmão Fernão Pereira. No alto da mesa Leonor Teles mordida os beiços de raiva: tanto mais que, ao lado dela, o rei de Castela, tendo indagado quem era o autor da façanha, observou-lhe impressionado:

- Homem que tal fez tem coração para mais».

²¹ *O. c.*, III, cp. CLXVI, págs. 160-161.

²² *O. c.*, pág. 99.

²³ Tanto a *Chronica do Condestabre*, cap. XIV, como a *Chronica d'El-Rei D. Fernando*, cap. CLXVI, notaram a serenidade com que os dois irmãos partiram «como se não fizessem coisa nenhuma».

As próprias palavras do Rei de Castela, registadas por Fernão Lopes²⁴, mostram admiração pela altivez do gesto:

- «Sei que se vingaram bem, e quem tal cousa cometeu neste lugar, sentindo isto que lhe foi feito, para muito mais será seu coração».

Era afinal o coração do herói, malferido pela ofensa feita à Pátria em tão mal-aventurada boda!...

DECISÃO E FIRMEZA

O infausto casamento de D. Beatriz efectuara-se em Maio de 1383. El-rei D. Fernando, vomitando a vida em golfadas de sangue e amargurado pela infidelidade da Rainha, já não pudera assistir à boda, vindo a falecer em Lisboa, em Outubro desse ano.

Em Novembro, D. Nuno, que partira enojado do Caia para a sua casa de Entre Douro e Minho, vem às exéquias do 30º dia por alma do Rei. Não vem sozinho, senão bem acompanhado de seus homens, armados para o que desse e viesse.

D. Leonor Teles pensa primeiro em desarmá-los, mas desiste do intento. Entretanto Nuno Álvares congemma o plano da revolução patriótica: alçar o Mestre de Avis sobre o cadáver do Andeiro. Sofre porém a primeira desilusão: D. João de Avis hesita e recusa matar o Conde Andeiro...

Desanimado, parte Nuno para Santarém, ao encontro do irmão Pedro Álvares, a quem expõe o seu plano salvador. Nova desilusão: o Prior do Crato acha perigoso o projecto e desvia prudentemente a conversa...

D. Nuno apela ainda para o irmão Diogo e convence-o a aderir à sua causa. Porém Diogo arrepende-se depressa e segue com Pedro Álvares para o Crato!...

Todos abandonavam o Cavaleiro Andante da liberdade da Pátria! Os próprios irmãos eram a imagem perfeita da nobreza calculista e interesseira, receosa de jogar a cartada dos haveres e benesses na aventura problemática da revolução contra a poderosa Castela...

Contudo D. Nuno Álvares Pereira é o tipo do temperamento apaixonado secundário, que não se deixa vencer pelas dificuldades, antes cobra ânimo e vive em contínua tensão à medida que os obstáculos lhe saltam debaixo dos pés.

Volta-se então para a arraia-miúda, o povo humilde e laborioso, que neste jogo patriótico não tinha a perder senão a vida e tudo poderia salvar: a honra, a glória e a independência da Pátria. Portanto declarou aos seus escudeiros que ia para o Mestre e que quem nesta demanda arrisca tudo «nem é de crer que escape senão por graça de Deus», ouvindo deles em digna resposta:

«Nuno Álvares, nós somos vossos e para vosso serviço, e somos prestes para vos acompanhar em esta demanda e que seguir quereis, e em qualquer outra que vós sintais por vossa honra e proveito, posto que grão

²⁴ *O. c.*, pág. 161.

perigo seja, até dispenderem os corpos e as vidas por Vosso serviço»²⁵.

D. Nuno abraçou-os a todos, com lágrimas de gratidão a bailarem-lhe nos olhos.

«Estava formado - comenta Oliveira Martins²⁶ - o núcleo do exército que havia de vencer Aljubarrota; e das ruínas da nação portuguesa brotava uma flor nova, cheia de viço e pujança. Mal sonhava o Mestre, debatendo-se com os políticos em Lisboa, que em Pontével, àquela hora, lhe nascia a alvorada da vitória! É que, entre os dois processos que há para levar as almas dos homens, sempre indecisas entre a luz e a sombra: o de as levantar pela franqueza forte, e o de as vencer pela astúcia hábil, o primeiro é incomparavelmente mais eficaz, nos momentos de crise profunda como aquele a que Portugal chegara...»

De feito é próprio dos grandes génios militares e políticos entusiasmarem apaixonadamente os seus homens, galvanizando-os com o exemplo e arrastando-os a triunfarem de obstáculos aparentemente intransponíveis. Rememoremos Alexandre Magno, Aníbal, Júlio César e Napoleão Bonaparte. A decisão de Nuno Álvares em Pontével tem algo de analogia com o *Alea jacta est* da passagem do Rubicão.

Ao passarem depois desta resolução por Alenquer, a caminho de Lisboa, estiveram a ponto de ser presos por ordem de D. Leonor Teles. Por isso em Alverca dormiram ainda armados e com os cavalos selados, decididos antes a morrer que a deixarem-se prender. A *Flor de Altura* porém, demovida do intento pelos amigos de D. Nuno, deixou-os passar, limitando-se ao torvo comentário arquivado por Fernão Lopes²⁷:

- «Vistes uma tal sandice de Nuno, que eu creei tamanino, que deixou o prior seu irmão, com que ia e agora vai-se a Lisboa para o Mestre?»

Grande foi pois a alegria do Mestre de Avis por receber os serviços da espada Invicta de D. Nuno Álvares Pereira, a quem logo nomeou para o seu conselho.

Dias depois vem propositadamente a Lisboa sua mãe, para o dissuadir da loucura em que embarcara, com a promessa castelhana de ser feito conde de Viana. D. Nuno vai respeitosa e visitá-la e já sabemos como a converteu à causa do Mestre.

Nomeado fronteiro-mor de «Antre Tejo e Odiana» com 23 anos e meio somente, foram a firmeza usada com os seus tímidos homens de armas, prestes a abandoná-lo em Estremoz, na véspera dos Atoleiros²⁸, e o seu espírito de decisão, que galvanizaram os receosos soldados, convertendo-os em heróis.

Quando D. Nuno se dirigia para Fronteira, ao encontro do exército luso-castelhano, tentou seu irmão, e comandante da hoste inimiga, demovê-lo do intento de dar batalha, pela temeridade louca de se bater com tão poucos e mal apetrechados, contra tantos e tão bem armados. Por isso mandou-lhe o escudeiro Rui Gonçalves, a dizer-lhe entre outras coisas:

«Muito se espantaram os castelhanos de terdes tamanho intento com tão pouca gente. Mas vosso irmão lhes disse que *se vós neste feito tínheis começado, vos conhecia por tal, que fossem todos certos que a levaríeis avante até mor-*

²⁵ Fernão Lopes, *Chronica d'El-Rei D. João I*, cap. XXXVIII, pág. 115.

²⁶ *O. c.*, págs. 149-150.

²⁷ *O. c.*, cap. XXXIX, pág. 115.

²⁸ Cf. José Filipe Mendeiros, *Estremoz e as suas gentes*, Estremoz 1857, págs. 25-26.

rer»²⁹.

Pedro Álvares conhecia bem a rija têmpera do irmão, que lhe respondeu pelo arauto neste teor épico:

«... Rui Gonçalves, disse a meu irmão que em tal feito não quero, nem Deus queira que aceite seu conselho; que da tenção que tenho não me mudarei, e disse a esses senhores que se aprontem para pelejar, pois não sei coisa que mais deseje que ser já na batalha. A vós, Rui Gonçalves, rogo-vos, se alguma coisa quereis fazer por mim, pelo pão que em minha casa haveis comido e pela boa vontade que vos tive sempre, que vades com este recado o mais depressa que puderdes, inda que mateis o cavalo, pois tão depressa não ireis, que eu, com a ajuda de Deus, não vos vá de cerca no encalço»³⁰.

O retrato do novel Fronteiro-mor, que nos traçou Oliveira Martins³¹, está perfeitamente de acordo com este temperamento firme e decidido:

«Era então Nuno Álvares um rapaz de vinte e quatro anos, mediano de estatura e delgado de formas. Branco, de rosto comprido, nariz longo e afilado, tinha expressa na fisionomia, como faculdade dominante, a decisão. A boca era pequena, o mento breve, o lábio superior curto. Debaixo dos sobrecílios, fortemente arqueados, luziam fundos os olhos pequenos. Os cabelos e a barba, rui-vos. Via-se-lhe no rosto um misto de energia grave e bondade cândida, com uma vaga expressão poética de ambição inominada, que se revelavam nas rugas precoces da testa e no apanhado da pele sobre as fontes. A combinação dos seus pensamentos dava-lhe na vida, com uma mansidão discreta, uma alegria constante, e esse descanso activo, próprio de todos os homens fortes. Só os fracos se confundem; só os vazios se atarefam. Vendo-se pela primeira vez, à frente de uma hoste, olhava para os seus como amigos, como irmãos, votados a um destino comum. O mando, por ser digno e capaz de o exercer, não o ensoberbecia: irmanava-o com aqueles sobre quem mandava. A confraternidade guerreira era para ele uma religião. Tinha a caridade ilimitada. O comando firmava-se na franqueza e lealdade do fim, e na austeridade do exemplo».

ASPEREZA E MANSIDÃO

Neste primoroso retrato literário, digno das cores opulentas de Ticiano e dos traços fortes de Rembrandt e de Velasquez, Oliveira Martins refere-se à «mansidão discreta» do Santo Condestável. Talvez algum *cardeal diabo*, da estirpe de Júlio Dantas³² ou de

²⁹ *Crónica do Condestável*, pág. 112.

³⁰ *O. c.*, pág. 103.

³¹ *O. c.*, págs 163-164.

³² Num infelicíssimo estudo, de que felizmente já se arrependeu, mandando retirar o livro das livrarias, intitulado *O libelo do cardeal diabo*, publicado em *Outros Tempos*, págs. 77-78, Júlio Dantas minimiza a veneranda figura do Santo Condestável, reduzindo-a à ridícula craveira de um *condottiere* epiléptico e tarado, pletórico de podridão e de inibições patológicas, mas foi justamente refutado por Rui Chianca, *O Santo Condestável*, Lisboa 1914.

Tomás da Fonseca³³, ache louvaminheiro e exagerado o qualificativo.

Atenhamo-nos porém à letra das crónicas coevas.

A quando do casamento de D. Nuno, escreve Fernão Lopes³⁴:

«Nuno Álvares era de pouca e *branda* palavra, e seu bom gasalhado e *doces* razões contentavam muito a todos».

E, ao ser nomeado Condestável nas Cortes de Coimbra, aos 24 anos:

«... no qual sempre porém estava uma *discreta mansidão* que especial havia de bons costumes»³⁵.

A primeira vez que foi visitar o Mestre, após a sua vinda para o Alentejo como fronteiro-mor, encontrou a armada castelhana cercando Lisboa. Foi a 30 de Setembro, à meia-noite, que resolveu atravessar o Tejo, do Montijo à capital, através da armada inimiga. O escudeiro Vasco Martins do Outeiro pretendeu dissuadi-lo da temerária e perigosa travessia, tanto mais que sonhara que os castelhanos haviam aprisionado D. Nuno... Contudo Nuno Álvares respondeu-lhe «*mui manso*»³⁶ que iria assim mesmo, não permitindo porém que fosse o temeroso escudeiro, apesar dos seus protestos de que desejava segui-lo. Firme na sua resolução, D. Nuno, melhor do que Bayard, cavaleiro «*sans peur et sans reproche*», não só rompeu o cerco, senão que mandou até tocar as trombetas para o dar a conhecer aos inimigos!

E, quando estes, atónitos, perguntavam quem ia ali, mandava dizer que era ele próprio³⁷!...

O espírito de mansidão do Conde Santo revelava-se outrossim em pacificar os desavindos, segundo narra o cronista³⁸:

«... porque se começavam de se não falar, tratava de os concordar logo e fazer amigos, de guisa que o seu arraial não parecia hoste de guerreiros mas honesta religião de defensores...»

E, quanto à maneira de tratar com todos, acrescenta Fernão Lopes a seguir:

«Foi de *alta e prudente conversação*, onde cumpria a *boa e amorosa* aos de maior estado: e, aos muito pequenos, *tão doce como parvo* [pequeno]».

É bem conhecido o episódio místico da oração em Valverde, quando esta batalha rugia e os nossos cediam à pressão inimiga. É sublime a atitude extática, serena e mansa, com que o «Capitão devoto», como Camões o denomina, responde aos seus homens, que aflitos o procuravam. Contemple-se a ponto esta iluminura gótica de Fernão Lopes³⁹:

«Então um de cavalo, que chamavam Rui Gonçalves, se trabalhou de

³³ Em duas obras tendenciosas, do mais abjecto sectarismo - *O Santo Condestável*, Coimbra 1932 e *A Igreja e o Condestável*, Coimbra, 1933, - Tomás da Fonseca repete as eleivosas acusações de Júlio Dantas e epiteta o Conde Santo de ambicioso, avaro e violento!

³⁴ *Chronica de D. João I*, I, cap. CXXXVI pág. 108.

³⁵ *O. c.*, II, cap. CXXXIII, pág. 73.

³⁶ *O. c.*, III, cap. CLII, pág. 73.

³⁷ *L. c.*, pág. 74.

³⁸ *O. c.*, II, cap. CXXXIII, págs. 217-218.

³⁹ *O. c.*, V, cap. LVI, págs. 14-15.

saber dele parte, e andando-o buscando trigoso, foi-o achar fora da hoste, logo acerca de dois penedos para isto asados, com os joelhos postos em terra e as mãos e os olhos alçados ao céu, e seu pagem de mula acerca com a lança e braçal que trazia, e quando o assim viu tão fora de cuidado do medo e trabalho em que eles estavam, ficou espantado e não soube que fazer, e duvidando se lhe falaria, cobrou coração e chegou-se a ele e em poucas e breves razões lhe disse o dano que neles faziam, e ele *muito quedo* revolveu o rosto e *mansamente* respondeu e disse:

- Rui Gonçalves, amigo, ainda não é tempo, aguardai um pouco e acabarei de orar.

E ele afastando-se afora esteve quedo, e por esta guisa veio a ele Gonçalo Anes de Castelo de Vide [...] pedindo-lhe por mercê que deixasse de rezar por então e fizesse andar a bandeira, porque das gentes eram malferidos e não podiam aquilo mais sofrer; e ele a isto respondeu nada, nem fez por seu dito nenhuma mudança, mas *estava quedo em grão assocego, como se estivesse falando com Deus*».

Será esta a atitude de um epiléptico, de um desvairado?!...

A DOENÇA DE NUNO ÁLVARES E A SOVA NO GORDO CORDOVIL

Antiteticamente poder-se-á objectar aqui a tremenda sova que, sem razão plausível, mandou dar, em Setúbal, ao nutrido Lourenço Anes Cordovil, que ali o viera saudar com outros homens bons da então vila sadina. De feito, ao despedir-se, o Cordovil tornou a recomendar Setúbal à benevolência condestabriana, nestas palavras, que desencadearam inopinadamente fúrias desconhecidas em D. Nuno:

- «Senhor, seja vossa mercê terdes sempre em vossa encomenda a vila de Setúbal; eu vos rogo que vos lembreis sempre dela!

Palavras não eram ditas, e já no Condestável dera uma ira tão grande e tão grande quentura que parecia que ia morrer. Assim o levaram sobraçado, onde já tinha a mesa posta para comer. Mas o pobre, amarelo e enfiado que parecia finado, não se queria sentar e negava-se a comer. A mãe, cheia de aflição e piedade, e o mesmo todos os outros que ali estavam, tanto lhe rogaram, que ele com grande fraqueza e sem vontade se assentou à mesa. Deram-lhe água às mãos para se lavar; e trouxeram-lhe uma iguaria de perdizes assadas. Sua filha trincava na sua frente; a mãe abanava-o com um abano; mas ele por coisa nenhuma queria comer. E como a mãe lhe pedisse por Deus que comesse alguma coisa, ele lhe respondeu que não comeria nem podia comer, pois aquele vilão inchado que lhe pedira tomasse cargo de Setúbal o matara»⁴⁰.

Gil Aires, seu escrivão de puridade, tentou então desculpar Cordovil. Ainda o secretário não acabara, quando o Conde, «gravemente irado, como homem fora de si, bradou:

⁴⁰ *Crónica do Condestável*, págs. 211-212.

- Duas dúzias de pancadas merecia o vilão! E se a vós, Gil Aires, merecesse algum cuidado a minha vida, logo lhas houvéreis dado».

Com tais palavras ficou o secretário tão assombrado que não atinava no que havia de pensar, «pois *via o Conde falar em coisas que não eram de sua natureza*»⁴¹. E não teve outro remédio senão simular com um pau, nas costas do gorducho, uma tremenda sova!... Nuno Álvares, um momento aquietado, logo caiu em profunda tristeza, por ter mandado sovar aquele homem bom, ficando depois muito contente em sabendo que a sova fora simplesmente simulada⁴²!

Como se vê, trata-se de um caso anormal, uma fígadeira terrível, que durou três meses, consequência da anormalidade da alimentação em campanha e do peso da guerra, de que resultou uma depressão nervosa, com que os médicos de Évora não se entenderam mandando-o para Lisboa.

Oliveira Martins⁴³ descreve assim a paradoxal enfermidade:

«Estava na força da idade, e todavia invadia-o um tédio enorme de viver, com um fastio mortal, misantropia e irritação constante, desprendimento completo de tudo. Cartas, não as abria, nem queria vê-las. Tinha acessos febris, e por vezes náuseas com vômitos e flatulências. Vinha-lhe o frio, e depois suores, como nas sezões, com abrimentos de boca insistentes. De súbito, quando a dor surda dos ombros se exarcebava, contorcia-se como louco, chorava como uma criança, e, esverdeada a face, perdendo o pulso, coberto de suores frios, ora caía num colapso que parecia mortal, ora se convulsionava como epilético, dobrando-se todo com a barba fincada sobre os joelhos. Parecia que lhe enteravam um trado no corpo, despedaçando-lhe as carnes: outras vezes que o queimavam, ou que o torciam com um torniquete. A filha, a mãe, choravam de o ver sofrer. De repente, a dor cessava, e o doente caía num abatimento extremo, consequência da depressão nervosa».

Curado desta grave enfermidade, D. Nuno regressou em Julho de 1398 a Évora e, nesse mesmo mês, entrava em Castela por Badajoz, regressando duas semanas depois com o saque a Vila Viçosa. Estava portanto em plena forma bélica.

DISCIPLINA E HIGIENE MORAL NO EXÉRCITO

Fechado este triste e lamentável parêntesis da vida de D. Nuno, e que não pode de forma nenhuma caracterizar o seu temperamento, por se tratar de um caso patológico causado por doença, vejamos agora como o Santo Condestável sabia limar a áspera disciplina militar com a mansidão e a graça que lhe eram peculiares.

É ainda o cronista⁴⁴ a atestá-lo:

«Como seu arraial era assentado, cavalgava ele e andava-o todo vendo, e se deles se alojavam afastados dele, posto que por pequeno espaço fosse,

⁴¹ *O. c.*, pág. 212.

⁴² *O. c.*, págs., 212-216.

⁴³ *O. c.*, pág. 421.

⁴⁴ *Chronica de D. João I*, VII, cap. CC, págs. 123-125.

por aso de suas bestas melhor pascerem ou por campanha, ou qualquer outra coisa, ainda que não fosse mais de humilde e de pequena condição, chegava a ele aí *mansamente, e com gracioso gesto* dizia:

- Que é isto amigo? Que pousada é esta que tão arredada de mim tomaste? Logo vossa tenda seja alçada e armada a par da minha que de tais como vós queria minha tenda acompanhada, e gurdada minha bandeira.

E não lhe valendo nenhuma coisa, mostrando que tinha seu serviço em boa conta, *docemente* lho fazia ver, posto que na vontade a tal pessoa lhe muito pesasse.

Era *graciosa em suas palavras*, recebendo *graciosa e mesuradamente* quaisquer da hoste que a ele chegavam, assim capitães como homens de armas, de guisa que *sempre sua mesura passava em os honrando*, isto no movimento do arraial, ordenando suas batalhas como haviam de ir, queria-se muito temido como senhor, de guisa que nenhum falecesse do que ele mandava, ca doutra guisa tornava *bravo como um leão*, quando se algum desordenava do regimento que lhe era dado, chegando ali trigosamente; e se era escudeiro cambeiro ou honrada pessoa, com gesto queixoso dizia contra ele:

- O amigo, sequer vós?

E com tal continência lhe dizia esta palavra, que tomava dele grande vergonha, logo se ordenava; e se eram pessoas de mais pequena condição, a uns matava os cavalos, a outros feria nos corpos, que o sentiam de jeito que os pequenos lhe haviam medo, e os fidalgos e cavaleiros receio de o enojar, assim que todos lhe eram obedientes e o amavam, ca ele depois caladamente por encobertos modos e *gracioso jeito*, por não entenderem que por aquilo era, fazia assaz boa emenda àquele que assim anojava, posto que o justamente e por proveito de todos o fizesse».

Foi esta disciplina exemplar que levou o Santo Condestável, à guisa de sua émula, Santa Joana de Arc, a banir do exército as mulheres fáceis, o que não foi empresa fácil, segundo relata Fernão Lopes⁴⁵:

«E estando assim em terra de Bragança mandou pôr em obra uma cousa que havia muito tinha vontade de fazer, vendo que o contrário era perigoso para homens que em guerra haviam de continuar, a qual foi esta: que porquanto os de sua companhia traziam todos mancebas, também os casados como os que não eram, ordenou que nenhum daí em diante não trouxesse manceba nem mulher consigo, e se alguma fosse mais achada no arraial que fosse logo açoutada públicamente por ele».

Pode imaginar-se a reacção causada por esta decisão tão morigeradora!... Uns diziam que não estavam dispostos a combater nessas condições; outros preferiam perder as suas mercês; alguns atiravam as armas ao chão em sinal de protesto... A todos venceu a mansidão e a firmeza do Condestável: «O Conde, *com mansa e bem-aventurada razão, cortêsmente* respondia a todos com muitas e boas palavras»⁴⁶. E não houveram

⁴⁵ O. c., V, cap. LXX, pág. 54.

⁴⁶ L. c.

outro remédio senão cumprir!...

No entanto D. Nuno não estava ainda satisfeito. A enérgica medida de profilaxia social achava-a insuficiente, enquanto El-Rei não a aplicasse também aos seus soldados. Logo que D. João I chegou a Bragança contou-lhe o que fizera e induziu-o a semelhante atitude, «ca doutra guisa não poderia ele bem manter aquela ordenança se em sua hoste não fosse assim guardada». «Então pôs 'El-Rei por defesa que nenhum em sua companhia não trouxesse mulher consigo, sob aquela pena que o Conde pusera»⁴⁷.

VIOLÊNCIA, NÃO! JUSTIÇA, SIM!

Estas medidas enérgicas de açoutar megeras relapsas, matar cavalos e ferir soldados indisciplinados, como outras quejandas, à primeira vista chocantes para a nossa hipersensibilidade de homens do século XX, estavam perfeitamente enquadradas nos costumes de antanho e exigia-as a disciplina rigorosa do exército, que apenas começava de ter consciência dos seus deveres cívicos.

O mesmo se pode dizer do castigo duríssimo infligido aos saqueadores, mormente de igrejas, conforme relata Fernão Lopes⁴⁸:

«Quando entrava por Castela mandava que nenhum pusesse fogo a pães, nem aldeias, nem arrabaldes, nem outros edifícios, e se o alguém fazia, anojava-se muito com ele, e por vezes descavalgava e ajudava-o a matar, mostrando por obra quanto lhe pesava, dando escarmento aos que o punham, não porém tão áspero como aos que entravam nas igrejas por tomar nelas alguma coisa».

É notório o caso do escudeiro Gonçalo Gil de Veiros, que, andando em sua vanguarda, roubou, em Castela, um cálice de uma igreja,

«...pela qual razão logo o mandou prender. E, tendo feito sua inquirição, soube que tudo era verdade e o escudeiro culpado, pelo que mandou sem mais detença que o queimassem. E estando já a lenha junto ao fogo aceso, vieram ao Condestável todos os capitães e cavaleiros da hoste pedir-lhe por mercê que o não matasse. O Condestável não o queria fazer, mas tanto apertaram com ele que houve que perdoar-lhe aquela pena, muito contra vontade, e com a condição que nunca mais tal homem fizesse parte da sua vanguarda»⁴⁹.

De resto, mais inflexível e justiceiro se mostrou D. João I mandando queimar em Lisboa, no Rossio, um camareiro a quem muito estimava, chamado João Afonso de Santarém, por ter sido encontrado em adultério, depois de admoestado pelo monarca, a quem pretendeu enganar dizendo que ia em peregrinação a Guadalupe, para se ocultar em casa da amante! De nada lhe valeram os rogos dos fidalgos e da própria Rainha D. Filipa, austera morigeradora do marido e da corte, para o salvarem⁵⁰.

⁴⁷ L. c., pág. 55.

⁴⁸ O. c., VII, cap. CC, págs. 125-126.

⁴⁹ *Crónica do Condestável*, pág. 186.

⁵⁰ Cf. Fernão Lopes, *Chronica de D. João I*, VI, cap. CXXXX, págs. 57-59.

A inteireza e isenção da justiça condestabriana manifestou-se admiravelmente ao ser nomeado por El-Rei para administrar a justiça na província de Entre Tejo e Guadiana. Testemunha efectivamente o cronista⁵¹:

«... pôs em ela mão de tal guisa, que a terra em pouco tempo foi assossegada e a justiça sentida, porque ele em tal feito não tinha lei, nem afeição com grande nem pequeno, nem criado nem amigo, por seu devido que fosse, mas *todavia fazer direito, tendo Deus ante seus olhos*».

Tão íntegro foi no exercício deste cargo o Conde Santo que pediu a exoneração dele por lhe ter recomendado o Monarca que não justicasse um cavaleiro, seu criado, ainda que fora merecedor da pena.

Foi esse alto sentido de integérrima justiça que o levou a protestar respeitosamente junto de D. João I contra a anulação das doações que ele próprio fizera de seus bens - muitos deles dados pelo Monarca em mercê da eficacíssima ajuda com que o guindara e sustentara no trono - aos seus companheiros de armas.

No entanto não faleceu um ou outro espírito tacanho e vesgo a acoirar de ambição e avareza estes protestos do Conde Santo!

Ambicioso e avaro, ele, que muito antes de ser cantado pelos pobres como seu generosíssimo benfeitor, à porta do convento lisboeta do Carmo, já o era nas suas ubérrimas terras, conforme se lê na Crónica⁵²:

«Mas o Condestável não mostrou a grandeza e bondade de seu ânimo apenas com os amigos e companheiros de armas, pois dele se pode dizer que foi, em verdade, caritativo com os pobres. De todos os dinheiros que em sua casa vinham, de rendas, de ordenados, ou de qualquer outra maneira, logo delas era apartado o dízimo que todo era distribuído pelos pobres. Além disso todos os anos dava de vestir aos pobres de todas as suas terras por esta forma: um ano dava numa comarca; o outro noutra, e assim de dois em dois anos todos tinham de vestir. A muitos escudeiros e outros homens pobres, ou mulheres, que noutro tempo tiveram bem que comer, mas agora viviam à míngua, dava tenças de pano e dinheiro com que bem se mantinham. Da mesma forma, cavaleiros, escudeiros e outros muitos, e em especial os que o seguiram em serviço de El-Rei, recebiam dele pano para se vestir, apenas entendia que o necessitavam. E por muito distante que vivessem enviava-lho a sua casa por homens da sua confiança.

Como o Condestável tinha muito pão de suas rendas e nunca o quis vender, mandava-o encovar em bons covais. Quando o pão era muito na terra, não dava e ninguém senão dinheiro; mas tanto que ele escasseava e encarecia, dava todo o pão que tinha a cavaleiros, escudeiros e pobres. *E por vezes lhe aconteceu que teve de o comprar por seu dinheiro por não lhe restar nenhum*».

Ambicioso e avaro, ele, o maior senhor de Portugal, que a pouco e pouco se ia despojando de todos os .benesses e haveres, para alfim se amortilhar na pobre estamenha

⁵¹ O. c., VII, cap. CC, pág. 203-205.

⁵² Crónica do Condestável, págs. 203-205.

de donato carmelita!

Ambicioso e avaro, ele, que apesar da deslealdade com que os invejosos o não queriam na frota do Mestre, peiteado com boa soma de dinheiro pelo judeu D. David Algaduxe, em Tomar, em nome do Rei de Castela, rejeitou indignadíssimo essa vil tentativa de suborno e traição à Pátria⁵³!

Por detrás da atitude concentradora e absolutista do Monarca português D. Nuno via sagazmente a conspiração palaciana tramada contra ele pela inveja de João das Regras, chanceler de D. João I, e de D. Álvaro Gonçalves Camelo, sucessor de seu irmão Pedro Álvares no priorado do Crato, «que ao Conde com inveja não tinham aí vontade» - declara expressamente Fernão Lopes⁵⁴, que já antes notara:

«Outros com inveja e encoberto ódio diziam que bem podia aquilo fazer, e muito mais se quisesse, pois tinha a metade do reino em terras e rendas, e outras dádivas que de El-Rei havia recebido»⁵⁵.

Por isso Nuno Álvares, pacificado o reino, sentia-se a mais na Pátria. cujo salvador fora, merecendo os louros de *Cipião Português* e de *Pai da Pátria*, com que Camões⁵⁶ lhe exornou a gloriosa frente.

Tão fundamente o feriu a inveja e a injustiça que D. Nuno esteve prestes a abandonar a Pátria bem-amada, a caminho do exílio. D. João I, que estimava muito o seu invencível Condestável, esteio seguríssimo do trono de Avis, enviou-lhe vários emissários para o demover do intento. Nem Rui Lourenço, deão de Coimbra, nem D. Fernão Rodrigues, mestre de Avis, nada conseguiram. Só o Bispo de Évora, D. João, «um prelado de grande autoridade» - na expressão do cronista - conseguiu retê-lo em Portugal, chegando alfim a acordo com o Monarca.

PERDÃO DAS INJÚRIAS E AMOR DOS INIMIGOS

A *Crónica do Condestável*⁵⁷ tem o cuidado de notar melancolicamente:

«Cada vez que o Condestável vencia os inimigos estrangeiros cresciam-lhe os inimigos de dentro, os naturais da sua terra. Fazia o Condestável que não via, cuidadoso como era de outros pensamentos».

A paciência do Conde Santo era bem posta à prova com esses inimigos domésticos, como João Fernandes Pacheco, que

«começou de razoar com o Condestável tais coisas, tão desmesuradas e fora de propósito, que D. Nuno entendendo a causa disso, respondeu *sem nenhuma alteração*, saindo-se com as melhores palavras ao que o outro dizia. E *tranquilamente* se foi para a sua pousada depois de comer. *Porque o bom e experimentado cavaleiro sabe que a valentia deve usar-se a propósito e com justo*

⁵³ *O. c.*, cap. 162-164.

⁵⁴ *O. c.*, VI, cap. CLIII, pág. 105.

⁵⁵ *L. c.*, pág. 104.

⁵⁶ *Lusíadas*, VIII, 32.

⁵⁷ Págs. 183-184.

fim»⁵⁸.

O Santo Condestável não se limitava a ser manso para quem o perseguia e desarrazoava com ele, senão que lhe perdoava cristãmente e lhe obtinha herõicamente o perdão de El-Rei. Assim, quando D. Álvaro Gonçalves Camelo, prior do Crato, que mais barafustara contra as doações condestabrianas, foi preso em Évora por conspirar abertamente contra D. João I, foi D. Nuno quem intercedeu em balde com El-Rei para o não prender. O Camelo, levado preso para Coimbra, dali conseguiu evadir-se. Pois mais tarde foi ainda Nuno Álvares que o levou consigo à corte para lhe obter o perdão real, e desta vez conseguiu-o⁵⁹.

Serão porventura estas atitudes tão equilibradas, tão humanas, tão cristãs, de um homem ambicioso, violento e epiléptico?! Note-se bem que o Condestável ainda não era frade, mas vivia enredado no bulício e nas intrigas da corte.

Fixemo-nos por último na sua caridade para com os inimigos de fora e comparemos a atitude reconhecida destes com a inveja repelente dos de dentro. Bastará citar só o episódio seguinte:

«Mas não só com os seus naturais de Portugal fez bem e esmolos. Aconteceu um ano que no Reino de Castela houve grande míngua de pão, e à comarca de Entre Tejo e Guadiana vieram bem 400 castelhanos entre homens e moços pequenos. E quando lhe disseram que essa gente padecia fome, encarregou dois pobres da sua confiança que corressem toda a comarca, e lhe trouxessem por escrito o nome de todos os homens, mulheres e crianças pequenas, que, à míngua de pão, tinham partido de Castela. E, depois que o soube, mandou dar a cada um, homem, mulher ou menino, quatro alqueires de trigo cada mês: e encarregou esses mesmos dois pobres que de seus celeiros tirassem aquele pão e assim o repartissem. E este mantimento lhes foi dado durante quatro meses, até que veio a novidade e os Castelhanos voltaram para as suas terras»⁶⁰.

É bem conhecido o episódio gentil, ocorrido na Estremadura castelhana, quando os soldados portugueses invadiram uma igreja rural, onde se celebrava um casamento, cativando os noivos, os padrinhos e os convidados. O Santo Condestável, sabedor do ocorrido, repreendeu os seus homens, chamou os noivos à sua presença, perguntou-lhes se haviam recebido alguma ofensa, ao que eles responderam negativamente. Mandou-os depois soltar, com toda a comitiva, e ordenou que a boda continuasse tão esplendorosamente que os seus clérigos e músicos nela colaboraram, visto tratar-se de um sacramento da Santa Madre Igreja⁶¹.

Por isso não surpreende que os próprios castelhanos, que o temiam tanto nos campos de batalha, lhe quisessem bem e pedissem a Deus por ele, como atesta Fernão Lopes⁶²:

«E por esta e outras maneiras que o Conde na guerra usava com seus inimigos assim como lavradores e gentes miudas, lhe queriam todos grande

⁵⁸ *Crónica do Condestável*, págs. 185-186.

⁵⁹ Cf. Fernão Lopes, *o. c.*, VII, cap. CLXXIV, pág. 22. Oliveira Martins, *o. c.*, págs. 409, 418.

⁶⁰ *Crónica do Condestável*, pág. 205.

⁶¹ Cf. Fernão Lopes, *o. c.*, VII, cap. CC, pág. 127.

⁶² *O. c.*, VII, cap. CC, pág. 128.

bem e *rogavam a Deus por ele*; mas os senhores e fidalgos com que pelejava, não lhe tinham tal vontade, porém tinham-no por mui bom, ca ele pudera fazer muito mal se quisera, mas sendo em seu tempo claro espelho de honestos costumes aos senhores então viventes, e pode bem verificar-se dele aquilo que se escreve⁶³, onde diz: *Potuit enim facere malum, et non fecit*».

A admiração e o respeito pela bondade e outras virtudes do Santo Condestável eram tamanhos que chegavam a arriscar-se a entrar no seu arraial só para o verem, segundo refere a *Crónica*⁶⁴, no episódio ocorrido perto de Cáceres:

«E o começar da noite, entre lobo e cão, vieram ter onde ele poisava dez escudeiros castelhanos, que pareciam homens de bem e desejavam falar ao Conde. Este recebeu-os bem e perguntou-lhes que homens eram, ao que responderam que eram daquele reino de Castela. E o Conde voltou a perguntar-lhes como eram tão ousados de vir assim sem qualquer espécie de seguro a seu arraial. Responderam eles que lhes fizera ter semelhante atrevimento a sua grande bondade e as muitas virtudes que Deus pusera nele. O Condestável tornou a perguntar que desejavam dele. Responderam que outra coisa não queriam senão vê-lo, como já tinham visto. Mandou-lhes o Conde dar de cear, mas eles não quiseram aceitar e partiram-se».

Ainda hoje, enquanto dentro do arraial português uiva algum lobo ou ladra algum cão contra o Conde Santo, aferrados aos seus preconceitos antireligiosos, lá fora os estranhos e os próprios inimigos de antanho reconhecem as virtudes heróicas que alçaram D. Nuno Álvares Pereira aos altares, depois de ter já um altar em cada coração de português de lei.

Neste modesto ensaio sobre a etologia sobre o maior herói da nossa História silenciámos propositadamente a santidade da sua vida de renúncia, oração e caridade no convento do Carmo em Lisboa, dos 62 anos, com que professou, aos 71, em que venceu a batalha final da glória do céu. Cingimo-nos, para o estudo do seu temperamento e do seu carácter, à vida na corte e nos campos de batalha, ambientes tão pouco propícios à prática da virtude e tão fáceis de manifestar os defeitos temperamentais. Ora foi precisamente nesta moldura que Camões⁶⁵ inseriu o magnífico perfil do Condestável, descrito por Paulo da Gama ao Catual do Rei de Calecut:

*Se quem com tanto esforço em Deus se atreve,
Ouvir quiseses como se nomeia,
Português Cipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Álvares se arreia:
Ditosa Pátria que tal filho teve!
Mas antes, pai! que enquanto o sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno
Sempre suspirará por tal aluno.*

⁶³ *Eclesiástico*, XXXI, 10.

⁶⁴ *Crónica do Condestável*, pág. 207.

⁶⁵ *Lusíadas*, VIII, 32.